

A intervenção psicológica em emergências

FUNDAMENTOS PARA A PRÁTICA

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO

[O R G .]



A INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM EMERGÊNCIAS

Fundamentos para a prática

Copyright © 2015 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Gabrielly Silva**

Imagen de capa: **bertvthul/sxc.hu**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Santana**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	7
Apresentação	11
1. A psicologia diante de emergências e desastres	17
<i>Adriana S. Cogo • Adriana V. L. César • Cristiane C. Prizanteli • Eleonora Jabur • Isabela G. R. Hispagnol • Maria Helena P. Franco • Maria Inês F. Rodriguez • Priscila R. D. Torolho</i>	
2. Intervenções psicológicas em emergências: a construção de uma práxis	61
<i>José Paulo da Fonseca • Lilian G. A. P. Biasoto • Reginandréa G. Vicente • Regis S. Ramos • Suzana Padovan</i>	
3. O atendimento psicológico em emergências: diferentes settings	105
<i>Cristina F. Delduque da Costa • Ester P. Affini • Iara B. Alves • José Paulo da Fonseca • Lilian G. A. P. Biasoto • Marcelo M. S. Gianini • Mariangela de Almeida • Rachel R. Righini • Reginandréa G. Vicente • Samara Klug</i>	

**4. A saúde emocional do psicólogo que
atua em situações de emergência 147**

*Ana Lucia Toledo • Cristiane C. Prizanteli • Karina K. Polido • Maria
Helena P. Franco • Sandra R. B. dos Santos*

5. O luto desencadeado por desastres 189

*Claudia Gregio • Gabriela Casellato • Isabela Hispagnol • Luciana
Mazorra • Luiz Antonio Manzochi • Maria Helena P. Franco • Sandra
Oliveira • Viviane Torlai*

**6. Rituais de luto e sua função
reconstrutora em desastres 229**

*Ariana Q. de Oliveira • Julia S. Maso • Régis S. Ramos • Sandra R.
Oliveira*

**7. Saúde mental em emergências e
transtorno de estresse pós-traumático 259**

Cláudia Gregio • Cibele M. O. Marras • Julia S. Maso • Sandra R. Oliveira

8. A mídia em situações de emergência e desastre 299

*Marcelo M. S. Gianini • Maria Angélica F. Dias • Maria Helena P. Franco •
Priscila R. D. Torolho*

Prefácio

Nunca estamos preparados para um acidente. No entanto, uma coisa é certa: mais cedo ou mais tarde, ele ocorrerá.

As mudanças climáticas, a insatisfação social, o crescimento populacional e o aumento do uso da tecnologia mostram-nos que estamos vulneráveis a acontecimentos desagradáveis – sejam eles naturais ou não – e todo tipo de embate. A despeito da nossa busca de mais segurança, quando algo dá errado, as consequências são enormes. Os aviões estão cada vez maiores, assim como os acidentes em que eles de envolvem; os edifícios estão mais altos, e mais indivíduos morrem quando eles desabam; quanto mais cresce a população, mais gente perece em função de enchentes ou deslizamentos de terra.

Precisamos nos preparar tanto para pequenos desastres como para os de larga escala. O Brasil tem taxas altíssimas e crescentes de mortalidade por homicídio e outras formas de violência. São comuns as guerras territoriais entre grupos de

adolescentes, assim como ações de grupos que se percebem em desvantagem e provocam mortes violentas, levando à retaliação também violenta por parte da polícia. Acidentes de trânsito e domésticos são constantes e muitas vezes têm desfecho fatal. Tanto as tempestades intensas como a aridez da seca trazem consequências desastrosas.

A alta frequência de incidentes traumáticos demanda a existência de serviços médicos e de pronto atendimento. No entanto, os profissionais envolvidos estão mais preocupados em salvar vidas que em oferecer apoio psicológico e social aos sobreviventes e à família das vítimas. Ainda assim, as evidências comprovam que as perdas traumáticas provocadas por desastres colocam em risco a saúde mental de todos os envolvidos.

Inúmeras pesquisas sobre as consequências psicossociais dos desastres enfocam o estresse traumático – o impacto provocado naqueles que sofrem ferimentos, vivenciam ameaças à vida ou testemunham situações trágicas. Tais estudos são comuns após as tragédias, mas hoje temos provas de que perdas e lutos também precisam ser compreendidos, uma vez que influenciam os problemas psicossociais originados em áreas de desastre. Em certas comunidades, a exposição recorrente a fatores estressantes prepara a população para lidar com eles, mas não com as perdas. Como exemplo, sabemos que, após o *tsunami* no oceano Índico, em 2004, os sintomas de estresse pós-traumático logo foram controlados, enquanto a depressão e o pesar do luto decorrente da perda da família, de amigos, de bens e de casas permaneceram por muito tempo (Tharyan, 2005).

O Grupo de Intervenções Psicológicas em Emergências (IPE) é uma organização fantástica cujos membros são extre-

mamente qualificados para ajudar a superar a ampla gama de problemas psicosociais que podem decorrer de acidentes que afetam indivíduos, famílias e comunidades.

Internacionalmente conhecida por seu trabalho, a professora doutora Maria Helena Pereira Franco é membro ativo e respeitado do International Work Group on Death, Dying and Bereavement (IWG). É também fundadora do IPE, cujos membros têm atuado em desastres aéreos, incêndios, inundações, casos de violência, entre outros há mais de dez anos no Brasil. Eles compreendem e apoiam pessoas cuja vida virou de pernas para o ar em virtude de incidentes que fugiram de seu controle. E, como os desastres podem afetar também os cuidadores, esse grupo precisou aprender a se apoiar mutuamente. Seus membros estiveram no fogo e dele emergiram, se assim posso dizer, tão lindamente do ponto de vista psicológico como a árvore cujo nome aparece no símbolo do grupo.

Recomendo: leiam este livro excepcional.

Colin Murray Parkes
Psiquiatra, membro da Ordem do Império Britânico
e do Royal College of Psychiatrists

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- THARYAN, P. “Traumatic bereavement and the Asian tsunami”. *Bereavement Care*, v. 24, n. 2, 2005, p. 23-26.

Apresentação

Este livro reúne experiências, conhecimentos, reflexões e investigações sobre um campo de atuação na psicologia que vem se desenhando há pouco tempo no Brasil – mais exatamente desde as duas últimas décadas do século 20 –, embora já conte com alguma tradição em outros países, sobretudo no hemisfério Norte.

Apesar da larga abrangência temática, os autores não tinham a expectativa de escrever uma obra definitiva. Por ser fruto de experiências, esperamos provocar interesse em dialogar e instigar, para que este livro cumpra sua vocação. Ele foi gestado por um grupo de psicólogos diante de uma data importante: o décimo aniversário da fundação do grupo que vinha atendendo a situações críticas de emergência e desastres, com procedimentos cuidadosos e não por isso menos inovadores. Trata-se do Grupo IPE – Intervenções Psicológicas em Emergências, inserido no 4 Estações Instituto de Psicologia, de São Paulo. Inúmeros estudos, reuniões e discussões de tra-

balhos teóricos e de experiências nossas e de outros grupos necessitavam de organização e compartilhamento. Sabendo da responsabilidade angariada naqueles dez anos, a escrita deste livro tomou mais tempo do que planejávamos inicialmente, pois as novas possibilidades e os desafios de estudar, aprender e aplicar colocavam-nos diante de uma busca de excelência que por pouco não nos engessou.

Abordamos definições de desastre, crise, trauma e luto. Não apenas por alguma deformação profissional advinda da postura da academia que nos formou e continua nos alimentando intelectualmente, mas pela necessidade de esclarecer o terreno em que pisamos, por mais obscuro e movediço que possa se apresentar.

Quem são os atores desse cenário? Eles podem ser os passageiros de um avião, os moradores de uma cidade afetada gravemente por um fenômeno climático, os socorristas que se preparam para o que sabem que virá – e também para o que não conhecem –, os profissionais da imprensa, os que testemunham os acontecimentos, ainda que pela telinha do celular, os que guardam um registro sensorial de sons, odores, visões, temperaturas, movimentos. São muitos os atores, e sua ordem de entrada no cenário do desastre nem sempre obedece a marcações estabelecidas, a treinamentos e simulações, porque não existem desastres iguais. Até mesmo os anunciados, previsíveis apresentam-se com contornos próprios, ainda que indefinidos.

Assim, podemos definir desastre como um acontecimento ou uma sequência de acontecimentos não planejados que gera uma sequência específica de danos. Falamos da necessidade de um ecossistema vulnerável porque o fato em si não tem potencial para ser causador de um desastre.

No Capítulo 1, os autores definem e fundamentam historicamente a atuação da psicologia em emergência e desastre. Encontram apoio na experiência e nas recomendações da Organização Mundial da Saúde, da Cruz Vermelha Internacional e da Secretaria Nacional da Defesa Civil brasileira. Procurando interpretar as estatísticas de acidentes ocorridos, objetivam extrair desses números lições de prevenção, como mudança de cultura de cidadania. Correndo o risco de apresentar uma relação incompleta, são apresentadas as organizações que têm se destacado nessas ações, tanto no Brasil como no exterior. A diversidade entre elas é surpreendente e mostra até que ponto as diferenças culturais exercem peso nessas especificidades e como a questão das emergências e dos desastres ocupa (ou não) um lugar nas políticas públicas, na destinação de verbas e no incentivo às pesquisas.

Em razão das múltiplas experiências desse grupo, foi possível construir um corpo de conhecimentos que se consolidou com constantes revisões de fundamentos e experiências. Assim, o grupo constituiu-se por meio de uma construção coletiva e dinâmica. O Capítulo 2 mostra esse processo ao enfocar a importância do coletivo e, ao mesmo tempo, delimitar claramente responsabilidades. O espírito de colegiado teve e tem papel relevante na construção dessa prática e na manutenção da saúde grupal.

O Capítulo 3 apresenta o que é característico da atuação da psicologia em emergências, destacando sobretudo que essa atuação sai dos campos tradicionalmente identificados como da psicologia. Determinar a função do profissional da saúde mental, especificamente do psicólogo, e as mudanças de papel em relação ao conhecimento tradicional permite-nos identificar funções novas e variadas, a par com novas atitudes. O ritmo e o

timing da ação estão relacionados às contingências da crise. Fica clara a mudança, nem sempre entendida como evolução, nas expectativas e atitudes dos profissionais de outras áreas que não da saúde mental. E, uma vez que essa parceria é entendida como um impositivo, ressalta-se que se trata de identificar e respeitar responsabilidades diversas, o que se busca por meio de consulta participativa e colaborativa.

Deve-se lembrar que o psicólogo que atua em emergências precisa ter, além da formação técnica, uma condição de saúde que o proteja das diferentes demandas e pressões desse ofício. No Capítulo 4 mostramos até que ponto a relação age como fator precipitador de riscos para a saúde desse trabalhador. Os profissionais da área de saúde mental precisam pôr de lado, ou ao menos relativizar, métodos tradicionais, evitando o uso de rótulos e diagnósticos e usando uma abordagem interativa, para oferecer uma intervenção adequada em desastres. Sabe-se que os afetados reagem bem a interesses e preocupações genuínos, mas manter essa postura representa um desgaste físico e emocional de grande porte, o que coloca em risco a saúde do psicólogo. Sabe-se também que as intervenções precisam ser adequadas a cada fase do desastre, o que acarreta mudanças de ritmo e pressão. A consciência de fazer parte dos sistemas de apoio e de que estes são cruciais para a recuperação torna o psicólogo ainda mais sensível à necessidade de autocuidado no que se refere à sua saúde mental.

Deve-se compreender o processo de luto como reação natural e esperada após uma grande perda – decorrente de morte, afastamento, perda de capacidades físicas ou psicológicas, perda do ambiente conhecido (casa, cidade, país) e experiências que envolvem mudanças e exigem da pessoa uma reor-

ganização interna e externa – e que ele sempre está presente em situações de desastre. O luto manifesta-se com particularidades individuais, mas nos desastres chama a atenção o luto coletivo, juntamente aos esforços para a reconstrução da vida, admitindo-se que esta não será a mesma de antes. Tais questões são abordadas no Capítulo 5, que destaca também que, como cada um tem sua concepção de morte – baseada em crenças pessoais e influências culturais –, além de uma história de perdas, os que trabalham com crises precisam conhecer e entender suas questões sobre morte e luto.

A cultura oferece um recurso que ocupa lugar central quando se trata de enfrentar consequências de desastres e outras situações emergenciais. Diante de cenários de destruição, seja objetiva ou moral, os rituais oferecem a possibilidade de contar com o previsível, o conhecido, o organizador. Tais virtudes dos rituais – sejam eles religiosos, comunitários, individuais ou familiares – são chamadas ao cenário da reação ao desastre. O assunto é desenvolvido profundamente no Capítulo 6, com base em experiências dos autores e de outros que compartilharam suas ações e foram consultados na busca de otimizar os rituais de reconstrução de comunidades e indivíduos afetados.

Seja qual for o grau de envolvimento com uma emergência ou um acidente, em geral existe uma experiência de trauma, que requer cuidadosa avaliação para que dela se desenhem as intervenções necessárias. A experiência traumática pode se dar quando a pessoa se confronta com morte, ameaça de morte, ferimentos sérios em si ou no outro e reações de intensa dor, desamparo ou horror. No Capítulo 7, analisa-se como vivenciar uma reação normal diante de um acontecimento anormal, levando em conta que certos fatos sobrepassam a capacidade ha-

bitual de enfrentamento. A pluralidade de reações emocionais, cognitivas, comportamentais, fisiológicas e espirituais de indivíduos expostos a um incidente traumático requer conhecimento profundo a respeito de saúde mental. O diálogo psicologia-psiquiatria favorece o diagnóstico, a compreensão dinâmica dos processos decorrentes e as indicações necessárias.

A delicada relação entre a psicologia e a comunicação – sobretudo entre os profissionais da imprensa e os psicólogos, quando ambos atuam no cenário da emergência e dos desastres – é abordada no Capítulo 8. Trata-se de enfoques diferentes, mas não necessariamente conflitantes, para um mesmo fenômeno. Nem sempre essa relação é harmônica, para prejuízo dos profissionais de ambos os lados. Além disso, em desastres a imprensa tem grande responsabilidade na busca de respostas e na transmissão de informações para localizar atingidos e mobilizar a população nas ações de resgate, doações e voluntariado. O profissional da mídia também se expõe frontalmente ao risco de transtornos mentais, risco esse que nem sempre é considerado em sua formação e no gerenciamento do capital humano das empresas de comunicação. O capítulo aborda tais questões com a expectativa de mudar o cenário dessa relação.

Finalizando, convido o leitor a vir conosco nesse percurso, com a certeza de que ele talvez não seja suave, mas sem dúvida desvendará horizontes que estão em construção e em constante revisão, pelos desafios que apresentam.

Boa leitura!

Maria Helena Pereira Franco

1. A psicologia diante de emergências e desastres

ADRIANA S. COGO • ADRIANA V. L. CÉSAR •

CRISTIANE C. PRIZANTELI • ELEONORA JABUR •

ISABELA G. R. HISPAGNOL • MARIA HELENA P. FRANCO •

MARIA INÊS F. RODRIGUEZ • PRISCILA R. D. TOROLHO

No mundo atual, catástrofes – sejam climáticas ou tecnológicas, evitáveis ou imprevisíveis – afetam um grande número de pessoas das mais diversas formas. Entretanto, isso ocorre desde a época em que não havia registro histórico de acontecimentos que afetavam o cotidiano. Basta lembrar, como exemplo, os efeitos da erupção do vulcão Vesúvio, no ano 79 da era cristã, que destruiu completamente a cidade de Pompeia, no Império Romano. A destruição de uma cidade está na categoria dos danos tangíveis, mas também não podem ser esquecidos os danos intangíveis, como a perda da segurança, da dignidade, do cotidiano que organiza o comportamento, do senso de pertencer a uma comunidade.

As situações de emergência e os desastres têm sido estudados com mais afinco devido à maior frequência de ocorrência de catástrofes, tanto naturais como causadas pela ação do homem. Sua visibilidade também aumenta em razão da maior mobilidade de pessoas no mundo e da comunicação instantâ-